

Itinerários de Pesquisa com Crianças, Cultura Lúdica e Mídias: Desafios e Possibilidades

*Marluci Guthiá Ferreira**

*Dulce Márcia Cruz***

Resumo

Este artigo relata uma pesquisa que buscou compreender como a mídia participa do processo de constituição da infância contemporânea a partir do estudo das brincadeiras de crianças pequenas. Na abordagem qualitativa e interpretativa, o estudo de caso enfoca as atividades lúdicas de vinte crianças de cinco e seis anos de uma instituição de educação infantil pública do município de Palhoça – Santa Catarina. Na *geração de dados* foram utilizados a observação participante, áudio e videogravação, fotografias, desenhos, caderno de campo e entrevistas. Ao mesmo tempo em que se destacam os desafios e possibilidades da pesquisa com crianças pequenas, são analisadas situações vividas por elas no cotidiano da instituição, as manifestações nos momentos de brincadeiras e os atravessamentos entre a cultura midiática e a cultura lúdica infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; cultura lúdica; cultura midiática.

* Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: marluciguthia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3353-6085>

** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: dulce.marcia@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7055-0137>

Itineraries of research with children, playful culture and media: challenges and possibilities

Abstract

This paper reports a research that seeks to understand how the media participate in the constitution of contemporary childhoods process from the study of young children's play. In qualitative and interpretative approach, the case study focuses on the playful activity of twenty children of five and six years of an institution of public early childhood education in the municipality of Palhoça - Santa Catarina. Data generation involved participant observation, audio and video recording, photographs, drawings, field diaries and interviews. At the same time which are highlighted the challenges and opportunities for research with young children, are analyzed situations experienced by them in everyday life of the institution, the demonstrations in moments of playing and the crossings between media culture and the Children's play culture.

Key words: Childhood Education; playful culture; media culture.

Itinerarios de investigación con niños, cultura lúdica y medios: desafíos y posibilidades

Resumén

Este artículo informa una investigación que busca comprender cómo los medios participan del proceso de constitución de la infancia contemporánea desde el estudio del juego de los niños pequeños. En el enfoque cualitativo e interpretativo, el estudio de caso se centra en la actividad lúdica de veinte niños de cinco y seis años de una institución de educación infantil pública en el municipio de Palhoça - Santa Catarina. La generación de datos involucró la observación participante, grabación de audio y video, fotografías, dibujos, diarios de campo y entrevistas. Al mismo tiempo en que se destacan los desafíos y oportunidades de investigación con niños pequeños, también son analizadas las situaciones vividas por ellos en la vida cotidiana de la institución, las demostraciones en los momentos de juego y los cruces entre la cultura mediática y la cultura lúdica infantil.

Palabras clave: Educación Infantil; cultura lúdica; cultura mediática.



Introdução

Este artigo tem como base uma investigação de doutorado na qual se buscou compreender a relação das crianças pequenas com as mídias eletrônicas, tomando como foco de análise as atividades lúdicas de meninos e meninas em uma instituição de educação infantil pública do município de Palhoça – Santa Catarina. São sujeitos protagonistas da pesquisa um grupo de vinte crianças com idade entre cinco e seis anos, sendo dez meninos e dez meninas. Com uma abordagem qualitativa, este estudo de caso se configurou também como pesquisa-intervenção, pois foram propostas oficinas às crianças a fim de perceber os atravessamentos entre a cultura midiática e a cultura lúdica infantil.

A cultura lúdica

produz uma realidade diferente daquela da vida cotidiana. Não é um bloco monolítico, mas um conjunto vivo, e diversifica-se segundo critérios de acordo com a cultura em que a criança está inserida, em função dos hábitos do jogo, dos indivíduos e dos grupos, dos meios sociais, da idade, do sexo e também das condições climáticas espaciais. A cultura lúdica também é produzida por um duplo movimento, interno e externo. **A criança constrói sua cultura brincando**, e o conjunto de suas experiências lúdicas vai se acumulando, constituindo sua cultura lúdica (FANTIN, 2000, p. 38-39, grifos da autora).

Neste texto, se busca evidenciar o caminho metodológico percorrido na investigação com a intenção de suscitar reflexões acerca dos desafios e possibilidades de pesquisa com crianças pequenas, bem como sobre a relação cultura lúdica infantil e cultura midiática. Isto porque a criança há muito tempo faz parte das investigações científicas, “principalmente, na condição de objeto a ser observado, medido, descrito, analisado e interpretado” (CAMPOS, 2008, p.35). Somente nos anos mais recentes, a pesquisa científica apresenta como tendência importante “o debate sobre a condição em que a criança toma parte na investigação científica” (ibidem, p. 36). De acordo com Campos (2008, p.36), essa tendência é muito significativa, “na medida em que introduz uma mudança radical na abordagem do pesquisador adulto junto às crianças: o objetivo de dar voz à criança e de moldar a pesquisa às possibilidades de captar essa voz”. Pois é fundamental conhecermos as crianças com as quais atuamos nas instituições de educação.

A participação das crianças nas pesquisas

A sociedade na contemporaneidade “tem-se caracterizado pelas relações de produção e de consumo, permeando as interações sociais” (CAMPOS; SOUZA, 2003, p.12). Segundo estas autoras, estão ocorrendo mudanças nas relações entre adultos e crianças, além do surgimento de uma nova produção da subjetividade devido a organização do cotidiano pelas mídias.

Diante disto, cabe investigar de que maneira as mídias eletrônicas (SALGADO, 2005; BUCKINGHAM, 2007; GIRARDELLO, 2008; ODININO, 2009) e digitais (KRÜGER; CRUZ, 2007) participam da configuração dos modos de vivenciar a infância na contem-



poraneidade, a partir da cultura lúdica das crianças pequenas, tendo a preocupação e o cuidado de considerá-las como sujeitos protagonistas na investigação.

Segundo Pinto e Sarmiento, a investigação protagonizada pelas crianças deve considerar dois pontos fundamentais:

O primeiro é o de que as crianças têm algum grau de consciência dos seus sentimentos, idéias, desejos e expectativas, que são capazes de expressá-los e que efetivamente os expressam, desde que haja quem os queira escutar e ter em conta. O segundo é o de que há realidades sociais que só a partir do ponto de vista das crianças e dos seus universos específicos podem ser descobertas, aprendidas e analisadas (PINTO; SARMENTO, 1997, p.65).

Assim, é possível compreender a importância de escutar as “vozes” das crianças nas pesquisas sobre estes sujeitos para entender as culturas infantis. Nessa perspectiva, Rocha (2008) afirma que ouvir ou escutar deve ter a abrangência de *auscultar as crianças, pois*

implica o sentido de reconsideração de seu espaço social, ou seja, “ouvi-las” interessa ao pesquisador e ao educador como forma de conhecer e ampliar sua compreensão sobre as culturas infantis – não só como fonte de orientação para a ação, mas sobretudo como forma de estabelecer uma permanente relação comunicativa – de diálogo intercultural – no sentido de uma relação que se dá entre sujeitos que ocupam diferentes lugares sociais (ROCHA, 2008, p. 47).

A respeito de estudos com o “público infantil” e a preocupação de muitos pesquisadores em “dar a voz” às crianças, o autor britânico David Buckingham (2007) ressalta que é preciso considerar que sempre estaremos definindo esse público a partir de modos parciais e particulares de investigação.

Neste sentido, é preciso cautela na realização de investigações e na produção de discursos sobre o público infantil e sua relação com as mídias, pois “essas construções claramente *fazem uma diferença* na vida das crianças reais: elas informam a criação das políticas culturais e as práticas de regulamentação e produção de mídia, assim como as ações de pais e professores” (BUCKINGHAM, 2007, p. 152, grifos do autor).

Outro ponto fundamental ao se realizar uma investigação com crianças, de acordo com Salgado et al. (2005), é considerar o princípio metodológico da *dialogia* nesse processo. Ou seja, é preciso lembrar que “o pesquisador é sempre o adulto – um Outro por excelência com relação à criança –, significa deixar ouvir as vozes que foram ou que estão emudecidas” (ibidem, p.16).

Fantin (2009) também indica a necessidade do diálogo com as crianças nas pesquisas, buscando garantir que as vozes de meninos e meninas estejam presentes nas investigações. Para a realização de pesquisas acerca da relação crianças e mídias, esta autora destaca resumidamente algumas questões importantes a considerar: a concepção de infância e de criança que norteia a pesquisa; o papel da criança na pesquisa; a preservação ou não da identidade; a transcrição das falas das crianças; o retorno e as formas de devolução dos resultados na pesquisa. De acordo com Fantin (2009), para compreender os sentidos e as significações das crianças a partir das suas experiências com as mídias, é preciso ir além de uma aproximação desse público, pois o pesquisador precisa estar ali-

cerçado em instrumentos teórico-metodológicos que contribuam na investigação desses sentidos e significações.

Campos (2008) destaca a importância de pesquisas recentes nas diversas áreas em escutar as crianças e da necessidade de adequar a investigação para tentar captar as vozes infantis, trazendo principalmente as contribuições do estudo de Gillian Mann e David Tolfree (2003). Para estes autores, incluir a participação das crianças pequenas na pesquisa requer “um processo pelo qual as crianças são ‘empoderadas’ (*empowered*) para construir uma representação de seu mundo social” (Mann e Tolfree, 2003 apud CAMPOS, 2008, p. 38).

Dentre os principais indicativos delineados por Mann e Tolfree para uma pesquisa que entende a criança como protagonista na investigação é considerar as experiências prévias das crianças como ponto de partida para que os sujeitos infantis se envolvam no processo da pesquisa (CAMPOS, 2008). Além disso, segundo o estudo de Mann e Tolfree, o pesquisador precisa considerar alguns fatores: formas de expressão relacionadas à idade, ao gênero, ao tempo que requer para a pesquisa; a escuta aos adultos próximos a elas; o nível de desenvolvimento da linguagem e escolaridade; “quais crianças são ouvidas dentro de um grupo: são as mais comunicativas? As que possuem maior liderança? Elas são representativas do grupo?” (CAMPOS, 2008, p. 38-39).

Francischini e Campos (2008) partem do pressuposto de que numa investigação com crianças, a relação estabelecida entre pesquisador e criança se caracteriza por uma assimetria entre eles, especialmente considerando o poder que detém o primeiro diante do sujeito-criança. Por isso, nas palavras dos autores:

Quando se trata de pesquisas cujas respostas requeridas implicam uma construção cognitiva, o poder se efetiva pelo pressuposto de que há domínio do conhecimento em questão por parte do pesquisador. Concomitantemente, do lugar da criança observa-se a condição de quem cria uma expectativa ante a possibilidade de ter seu desempenho avaliado em termos de certo ou errado. Tomando como certo que essa situação tem repercussões no resultado da pesquisa, cabe ao pesquisador desenvolver estratégias para minimizar tais efeitos. [...] (FRANCISCHINI; CAMPOS, 2008, p. 106).

Adentrando no universo das crianças

Nos estudos e investigações sobre as crianças, ainda se tem focalizado muito esses sujeitos sob um olhar *adultocêntrico*. No entanto, Pinto e Sarmiento (1997, p. 24) salientam a importância de que estes estudos tenham como encaminhamento metodológico justamente em “partir das crianças para o estudo das realidades de infância”.

Partindo das reflexões tecidas aqui (este estudo já rendeu uma publicação em sua fase inicial, vide FERREIRA, 2012) e considerando a importância da participação das crianças na pesquisa, em relação aos instrumentos de pesquisa, a escolha se deu pela observação participante, o uso de áudio e videogravação, fotografias, desenhos, caderno de campo, conversas informais com as crianças, enfim, “o cruzamento de procedimentos que capturem as diferentes expressões infantis, [...]” (ROCHA, 2008, p. 49).

É importante registrar que a revisão dos estudos que também tiveram como foco de investigação a relação das crianças com as mídias (SALGADO, 2005; KRÜGER;



CRUZ, 2007; BUCKINGHAM, 2007; GIRARDELLO, 2008; ODININO, 2009; RIVOLTELLA, 2008; GIRARDELLO, 2009; FANTIN, 2009; GOMES, 2012; entre outros) foi significativa para fazer escolhas e elaborar alguns dos instrumentos de pesquisa.

Neste sentido, tendo cuidado também com os princípios éticos na pesquisa com crianças (e também com adultos), quanto à preservação ou não da identidade dos sujeitos infantis (KRAMER, 2002), decidimos coletivamente – crianças, pais e pesquisadora – identificar as crianças com seus nomes reais e revelar sua autoria.

Em relação ao grupo de crianças, a opção foi por aquelas que frequentavam a educação infantil de uma instituição pública, na faixa etária de cinco a seis anos. Assim, após a autorização dos sujeitos envolvidos (instituição, pais e crianças), num primeiro momento foram realizadas as observações participantes e, em outro momento, algumas intervenções em campo, sempre com o uso de diário de campo, câmera fotográfica digital e filmadora, sendo que em alguns encontros alternou-se a utilização destes dois últimos instrumentos.

É importante mencionar que o uso do caderno na Instituição - diário de campo, facilitou para registrar os pontos mais importantes do dia e algumas cenas e diálogos que depois, sem o registro imediato, talvez se perdessem posteriormente.

A pesquisa empírica com as crianças foi realizada em diversos encontros no CEI (Centro de Educação Infantil), sendo que em alguns destes foram realizadas as sessões da pesquisa-intervenção: oficina de desenhos produzidos pelas crianças; oficina do brinquedo (brinquedo preferido de casa para brincar em sala); sessão de desenho animado (o desenho que a maioria das crianças optou foi *Monster High*). Além dessas sessões da pesquisa-intervenção, também houve conversas informais com as crianças durante as brincadeiras no parque, buscando conhecer as suas preferências em relação à brincadeira, brinquedo, programa de TV, desenho animado e o que mais gostam de fazer em casa.

Com o intuito de complementar e confrontar os dados *gerados* durante a investigação no CEI, também se buscou estabelecer uma comunicação com os pais ou responsáveis pelas crianças. Neste sentido, foi enviada aos pais do grupo uma Carta-Convite a fim de verificar aqueles que estavam interessados em participar de uma entrevista com a pesquisadora.

Para conhecer mais sobre o campo da pesquisa empírica, também foi estabelecida uma interlocução com a coordenadora da Instituição. Além disso, foi consultado o Projeto Político Pedagógico do CEI (versão 2012) e as fichas das crianças disponibilizadas pela professora do grupo.

Em relação aos registros feitos durante a pesquisa de campo, a opção foi por conservar as “vozes” das crianças com o intuito de também deixá-las evidenciadas e assim, deixar pistas para possíveis reflexões e interlocuções acerca dos dados *gerados*. Assim, serão apresentados fragmentos das interações estabelecidas com as crianças durante os encontros na instituição.

É importante salientar que as crianças têm muito a nos dizer, basta que o educador/pesquisador esteja disposto a ouvi-las e que organize espaços e situações para oportunizar as diversas manifestações e expressões infantis. Assim, a ação foi de aproximação das crianças e de envolvimento na rotina diária da Instituição, procurando respeitar o espa-

ço do grupo e participando de alguns momentos das brincadeiras de meninos e meninas com a intenção de captar os vestígios e nuances da cultura lúdica infantil neste grupo.

Em um dos encontros, a professora convida as crianças para brincar com os brinquedos trazidos de casa no espaço da sala. Toda sexta-feira é o dia do brinquedo na Instituição, dia assim chamado porque as crianças podem trazer brinquedo de casa e brincar livremente com os seus pares. Neste dia, em várias situações e diálogos das crianças ficou evidenciado que “a cultura lúdica incorpora, também, elementos presentes na televisão, fornecedora generosa de imagens variadas” (BROUGÈRE, 2010, p.56), como foi possível visualizar na cena que segue:

Alan brinca com o boneco Maxsteel e estabelece o seguinte diálogo:

Alan: - O boneco morreu.

Pesq.: - Por que ele morreu?

Alan: - Ah, porque o boneco do mal que tem o olho invisível soltou uma bomba, e o Maxsteel morreu.

Yasmin: - Ah, pára de dizer que ele morreu!

Pesq.: - Por que você diz isso, Yasmin?

Yasmin: - Ah, porque eu quero que ele diga que ele está vivo, está vivo!

Pesq.: Alan, onde você viu esse personagem? Você já viu esse desenho?

Alan: - Eu já vi na televisão e já assisti o filme Sherek para sempre. O Sherek foi matar as bruxas, mas ele não conseguiu.

Yasmin: - Olha o meu chinelo! Eu ganhei ontem da minha madrinha. É da Monster High.

Pesq.: - E onde você viu esse desenho?

Yasmin: - Na Sky! Esse desenho passa na Sky.

Pesq.: - E você pediu para ela comprar esse chinelo?

Yasmin: - Não, eu não pedi, mas ela sabia que eu gostava desse desenho.

(Registro do diário de campo, 2012).

Assim, vivenciando com as crianças os diversos momentos da rotina do grupo, foram percebidos os movimentos, a imaginação infantil, os diálogos, os gestos, os enredos e cenários construídos por meninos e meninas durante as brincadeiras.

Neste sentido, é fundamental ressaltar a importância do educador/pesquisador tentar adentrar no universo infantil na condição de parceiro nas brincadeiras das crianças.

Observo um grupo de quatro crianças brincando.

Beatriz W. está junto e diz: -Silêncio, estou atendendo o telefone. É pra você! E me entrega o telefone celular de brinquedo.

Beatriz W.: É o moço da padaria que quer falar com você.

Entro na brincadeira e falo com o padeiro:

Pesq.: Alô, eu quero encomendar os pães e a torta. Isso, depois passo aí para comprar.

Beatriz pega o telefone e fala: Quanto vai custar?

Então, tá! Vai custar cinco reais. Beatriz diz para mim.

(Registro do diário de campo, 2012).

É preciso dizer que assumir esse compromisso e seguir nessa direção não é tarefa simples ao pesquisador, ao contrário, demanda esforço, paciência, compromisso e persistência na busca por estratégias e recursos que facilitem o seu adentrar respeitoso no universo das crianças.



Com este intuito, foram desenvolvidas estratégias para tentar captar os sentimentos, as ideias, as invenções e reinvenções das crianças do grupo, mas buscando esta captação também por outras linguagens infantis e não somente a verbal. Neste sentido, foi útil a pesquisa de Gobbi (2005) que apresenta o desenho infantil, conjugado à oralidade, como um instrumento que se pode utilizar para conhecer as crianças pequenas, pois “o desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados” (GOBBI, 2005, p.71). Esta autora ressalta que é preciso ter o cuidado de não “engessar” a produção da criança, tentando enquadrá-la em certos padrões estabelecidos.

Ao incluir o desenho como um importante instrumento de pesquisa com crianças, Gobbi (2005) afirma que se utiliza do desenho infantil conjugado à oralidade das crianças no momento da produção, pois “aquilo que é dito enquanto se produz tem grande importância contribuindo para a educação do olhar adulto [...]” (GOBBI, 2005, p.74).

Os desenhos das crianças trazem em seu bojo enorme complexidade e precisam ser analisados “para além da primeira olhadela, nas entrelinhas” (GOBBI, 2005, p.79). Neste sentido, a autora afirma que é preciso uma mudança de olhar para que seja possível perceber os desenhos infantis em toda a sua complexidade e que os mesmos possam trazer informações sobre os sujeitos com os quais desenvolvemos as investigações.

Deste modo, no oitavo encontro com as crianças no CEI, foi proposta ao grupo a Oficina de desenho, conforme combinado com a professora. Assim, após explicar às crianças que o desenho seria sobre “O que mais gosta de fazer em casa”, todas foram convidadas a desenhar, sendo avisadas de que a atividade não tinha critério avaliativo, tentando deixar as crianças bem à vontade na produção do desenho. O intuito nesta atividade era observar a produção das crianças no momento da construção dos desenhos para que suas falas e manifestações também pudessem ampliar o olhar de pesquisadora acerca de suas produções visuais, mas esse olhar ficou prejudicado, visto que a professora do grupo ficou conversando com a pesquisadora sobre algumas crianças.

Em um primeiro olhar sobre os desenhos das crianças, se percebe que suas preferências são de fato por brincadeiras tradicionais, sendo que o que predomina entre as meninas é a brincadeira de boneca e casinha, enquanto os meninos brincam de carrinhos. Apenas dois não representaram nos desenhos essa preferência por carrinhos, conforme se observa nas ilustrações 1 e 2, pois Kauã faz um desenho que sugere ser um boneco com uma coroa, e Guilherme desenha alguns castelos em seu papel. Um fato que chama atenção é que nenhuma delas desenhou algo relacionado a assistir TV ou de jogar em videogame ou o uso do computador. Este é um dado que merece atenção e já aponta indícios relevantes na investigação.



Ilustração 1: Desenho produzido por Kauã



Fonte: Acervo das autoras desta pesquisa, 2012.

Ilustração 2: Desenho produzido por Guilherme



Fonte: Acervo das autoras desta pesquisa, 2012.

Na busca por tentar conhecer um pouco da rotina diária das crianças quando não estão no CEI, cadernos-diários foram entregues às meninas e meninos em sala para que, em casa, registrassem através de desenhos as suas atividades diárias fora do CEI durante uma semana. Esta atividade de pesquisa proposta não foi bem-sucedida porque não houve retorno do registro da maioria das crianças. Por este motivo, não foi possível considerar os cadernos-diários como instrumento significativo para *geração* de dados junto às crianças sujeitos da pesquisa.

É importante dizer que os desenhos produzidos pelas crianças não podem ser analisados de maneira objetiva (ODININO, 2009). Como “os desenhos narram, procuram transmitir uma mensagem” (Merèdieu, 1999 apud ODININO, 2009, p.288), têm muito a revelar ao pesquisador atento e cuidadoso, possibilitando-lhe adentrar em seus universos visuais, conclui Odinino.

Assim, vale dizer que a investigação com crianças pequenas é algo complexo, mas também instigante, pois “temos muito a aprender e conhecer sobre as crianças tratadas no plural, - suas múltiplas infâncias vividas em contextos heterogêneos - e temos muito

a debater sobre as orientações teórico-metodológicas, quando se trata de *pesquisa com crianças*” (ROCHA, 2008, p. 44, grifos da autora).

Considerações finais

Mergulhar no universo infantil e tentar captar as manifestações, os gestos, o imaginário de meninas e meninos é algo fascinante. Esta escolha por uma investigação que considera os sujeitos infantis como protagonistas no processo de pesquisa é desafiadora, e como os estudos acerca da relação das crianças pequenas (primeira infância – de zero a seis anos de idade) com a cultura midiática digital ainda são incipientes no Brasil, é preciso muito cuidado e esforço ao mesmo tempo em que se têm mais dificuldades, indagações e inquietações pelo caráter inovador da pesquisa. Neste sentido, as estratégias metodológicas empreendidas com as crianças do grupo pesquisado, na tentativa de conhecer sua cultura lúdica num mundo permeado pelas tecnologias digitais, resultam de um esforço e um exercício na direção de uma pesquisa que considera as crianças como protagonistas capazes de expressar seus modos de agir e pensar.

O percurso metodológico aqui descrito buscou ser variado, sensível e flexível, para se apresentar como uma significativa possibilidade de adentrar no universo infantil e tornar evidenciadas as “vozes” de meninos e meninas de pouca idade que muitas vezes se encontram silenciadas ou desconsideradas nas instituições de educação infantil e nas pesquisas. De acordo com Gomes (2012, p.27), a “pesquisa com crianças é algo intrincado e de difícil apreensão”. Diante dessa constatação e na busca por apreender a cultura de um grupo de crianças de cinco a seis anos de idade, optou-se na pesquisa aqui parcialmente narrada, pelo cruzamento de variados procedimentos metodológicos.

Percebeu-se nas expressões e manifestações das crianças durante a pesquisa de campo um forte intrincamento da cultura midiática nas brincadeiras e referências tanto com relação aos artefatos (celulares, videogames, aparelhos de TV), aos produtos (jogos eletrônicos, filmes, programas e séries de TV, músicas) bem como a presença dos objetos de consumo relacionados a essas referências (mochilas, sandálias, roupas, etc.). No brincar, pode-se ver como aparecem os comportamentos, atitudes, opiniões e críticas agendadas e motivadas pela cultura midiática. Ao mesmo tempo, muito das brincadeiras tradicionais estava presente, seja de forma mais preservada, seja de modo híbrido, incorporando as referências culturais vindas das mídias da contemporaneidade.

A revisão da literatura apontou os desafios e possibilidades de pesquisa *com* crianças pequenas. O acompanhamento empírico das situações vividas por elas no cotidiano da instituição educacional mostrou como neste espaço podem ser percebidas as manifestações dos atravessamentos entre a cultura midiática e a cultura lúdica infantil nos momentos de brincadeiras.

No entanto, vale lembrar a afirmação de Quinteiro de que “pouco se conhece sobre as *culturas infantis* porque pouco se ouve e se pergunta às crianças” (2005, p. 21, grifos da autora). Por isso, é urgente que os estudos com crianças pequenas tentem conhecer as manifestações infantis, os seus olhares sobre a realidade, suas vivências e experiências na era digital através de instrumentos de pesquisa que registrem atentamente como elas estão brincando para produzir e criar sua cultura lúdica.

Portanto, como nos lembra Cunha (2005), perceber que existem diversos modos de vivenciar a infância conduz ao entendimento de que não há uma massa homogênea que podemos chamar de “a infância”. Deste modo, é fundamental “pensar que existem práticas sócio-culturais que determinam variados tipos de experiências que por sua vez abarcam versões plurais sobre a infância” (CUNHA, 2005, p. 15).

Referências

- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Tradução: Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo, Loyola, 2007.
- CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.
- CAMPOS, Cristiana Caldas Guimarães de; SOUZA, Solange Jobim e. Mídia, Cultura do Consumo e Constituição da Subjetividade na Infância. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2003, 23 (1), 12-21.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cultura visual, gênero, educação e arte**. Porto Alegre: UFRGS, 2005, 24 p. Disponível em [www.anped.org.br/reunioes/31ra/4sessao especial/](http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/4sessao%20especial/) Acesso 10 fevereiro 2014.
- FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FANTIN, Mônica. A pesquisa com crianças e mídia na escola: questões éticas e teórico-metodológicas. In: GIRARDELLO, G; FANTIN, M. (Orgs.). **Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças**. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.
- FERREIRA, Marlucci Guthiá. A pesquisa com crianças e mídia: alguns apontamentos teórico-metodológicos. **Temática** (João Pessoa.Online), v. 12, p. 1-15, 2012.
- FRANCISCHINI, Rosângela; CAMPOS, Herculano Ricardo. Crianças e infâncias, sujeitos de investigação: bases teórico-metodológicas. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.
- GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Mônica. Apresentação. In: GIRARDELLO, G; FANTIN, M. (Orgs.). **Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças**. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.
- GIRARDELLO, Gilka. Produção cultural infantil diante da tela: da TV à internet. In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Orgs.). **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FÁRIA, A. L. Goulart de; DEMARTINI, Z. de B. Fabri; PRADO, P. Dias. **Por uma cultura da infância – Metodologias de pesquisa com crianças**. 2 ed. – Campinas, SP : Autores Associados, 2005, p. 69-92.
- GOMES, Lisandra Ogg. **Particularidades da infância na complexidade social – Um estudo sociológico acerca das configurações infantis**. São Paulo, SP. Tese de doutorado. USP, 2012.
- KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.
- KRÜGER, Fernando Luiz; CRUZ, D. M. . Jogos (virtuais) de simulação da vida (real): o The Sims e a geração Y. **Ciberlegenda** (UFF), v. 9, p. 1-19, 2007.
- ODININO, Juliane Di Paula Queiroz. **As super-heroínas em imagem e ação: Gênero, Animação e Imaginação Infantil no Cenário da Globalização das Culturas**. Florianópolis, SC. Tese de doutorado. Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas. UFSC, 2009.



PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: **As crianças: contextos e identidades**. Coleção Infans. Centro de Estudos da Criança. Universidade do Minho, 1997.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil - Um campo de estudos em construção. In.: FARIA, A. L. Goulart de, DEMARTINI, Z. de B. Fabri e PRADO, P. Dias (Orgs.). **Por uma cultura da infância** – Metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. – Campinas, SP : Autores Associados, 2005, p. 19- 47.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. A formação da consciência civil entre o “real” e o “virtual”. In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Orgs.). **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

SALGADO, R. G.; PEREIRA, R. M. R.; SOUZA, S. J. e. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. In: **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 9-24, jan./abr. 2005.

SALGADO, Raquel Gonçalves. **Ser criança e herói no jogo e na vida: A infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados**. Rio de Janeiro, RJ. Tese de doutorado. PUC, 2005.

Marluci Guthiá Ferreira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestre em Educação pela mesma universidade. É graduada em Pedagogia pela UFSC, com atuação na Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED/SC). Membro do Grupo de Pesquisa EDUMÍDIA - Educação, Comunicação e Mídias - UFSC /CNPq.

Dulce Márcia Cruz

Professora Associada do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN), da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e da Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação (PPGE/CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Líder do grupo de Pesquisa EDUMÍDIA - Educação, Comunicação e Mídias (CNPq). Bolsista Produtividade CNPq. Graduada em Comunicação Social (FAAP/SP), Mestre em Sociologia Política (UFSC), Doutora em Engenharia de Produção (UFSC).